

**A (RE)LEITURA DA SAGA DAS “FILHAS DO REI” EM *BRIDE OF NEW FRANCE* (2011), DE SUZANNE DESROCHERS**

Gilmei Francisco Fleck  
*Unioeste*

Beatrice Uber  
*Unioeste*

**RESUMO:** Ao analisar o romance *Bride of New France* ([2011] 2013), da canadense Suzanne Desrochers, objetivamos mostrar como se deu a inserção da mulher branca europeia na Nova França, o atual Canadá, durante o século XVII, pelo viés da ficção. As jovens, destinadas a essa terra recém-descoberta, foram nomeadas como “filhas do Rei” e tinham a tarefa de casar com colonizadores brancos, bem como deles gerar filhos. Nesse fato histórico se apóia a ficção de Desrochers. De acordo com Zug (2016), a presença feminina serviria como incentivo para que os desbravadores não retornassem a sua terra natal e, ademais, povoassem o local recém-anexado à coroa francesa. A narrativa híbrida, que mescla história e ficção, apresenta a chegada a nova terra, o casamento e o processo de adaptação das personagens que representam as “filhas do Rei”. Trata-se de uma obra romanesca que não corrobora com a versão historiográfica apresentada pelos disseminadores do discurso falocêntrico, mas que relê, criticamente, o processo de inserção das mulheres no Canadá, por meio da ficção, possibilitando a expressão da voz feminina antes excluída da escrita hegemônica do passado. Dessa maneira, diferentes perspectivas desse passado são desveladas e a história “vista de cima” cede espaço para aquela “vista de baixo”, isto é, a perspectiva feminina desse processo. Assim, a ficção desconstrói a versão oficial do passado. Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como arcabouço teórico, entre outros, os pressupostos de Sharpe (1992), Runyan (2010), Fleck (2007; 2011), e Zug (2016).

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance Histórico Contemporâneo de Mediação; Literatura Canadense; *Bride of New France* (2013); Suzanne Desrochers.

**ABSTRACT:** When we analyze the novel *Bride of New France* ([2011] 2013), by the Canadian writer Suzanne Desrochers, we aim to present how the insertion of the white European woman took place in New France, actual Canada, during the seventeenth century, throughout the fiction. The young women, destined to the new found land, were named as “King’s daughters” and had the duty of marrying white colonizers and bear their children as well. In this historical fact is that Desrochers’s fiction relies on. According to Zug (2016), the feminine figure would serve as an incentive for the colonists not to go back to their homeland and, also, to people the newfound land. The hybrid narrative, which blends history and fiction, highlights the coming to the new land, the marriage and the adaptation process of the characters that represent the “King’s daughters”. It is a literary piece that does not corroborate the historiographic version presented by the ones who spread the phallogocentric discourse, but it rereads critically the process of the insertion of the women in Canada throughout fiction, allowing the expression of the feminine voice, before excluded in the hegemonic writing of the past. So, different perspectives from this past are revealed and the history seen from above gives place to the one seen from below, i.e., the feminine point of view of this process. Consequently, it deconstructs the official known version of the past. This bibliographic research presents as theoretical background authors like Sharpe (1992), Runyan (2010), Fleck (2007; 2011), and Zug (2016).

**KEYWORDS:** Contemporary historical novel of mediation; Canadian Literature; *Bride of New France* (2013); Suzanne Desrochers.

## INTRODUÇÃO

O período de colonização do “Novo Mundo” foi marcado pelo fato das metrópoles colonizadoras europeias enviarem homens para iniciar o processo de desbravamento das novas terras. Todavia, com o passar do tempo, muitos deles ansiaram por regressar a sua terra natal, porque se sentiam sozinhos e isolados de uma civilização organizada, segundo comenta Zug (2016). A medida tomada pelos monarcas europeus para tentar manter os colonizadores no território a ser conquistado foi possibilitar, também, o envio de mulheres para que eles tivessem companhia e formassem uma família. Essas figuras femininas eram, geralmente, brancas, virgens e de origem europeia e os homens agraciados com tal vantagem, normalmente, estavam a serviço do rei em seus novos territórios.

A literatura, por sua vez, valeu-se de tais acontecimentos e, em várias narrativas, mesclou dados da história com os elementos ficcionais, o que acabou dando forma ao que chamamos de narrativas híbridas de história e ficção. Algumas literaturas, como a brasileira, a estadunidense e a canadense, valeram-se do tema da colonização e recriaram a história do processo de inserção das mulheres europeias no “Novo Mundo”. Essas narrativas podem ser lidas tanto na modalidade tradicional do gênero romance histórico – que corrobora com a visão apresentada pela historiografia – como em modalidades críticas e desconstrutivistas – as quais desestabilizam o discurso histórico.

Na literatura brasileira dispomos, dentro dessa temática, da obra *Desmundo* (1996), de Ana Miranda. Nela se retrata a vinda e a inserção na colônia das personagens que representam as “órfãs da Rainha”, que, historicamente, foram enviadas de Portugal ao Brasil no século XVI, fato relido pelo romance. A personagem protagonista, Oribela de Mendo Curvo, é quem narra sua árdua viagem e suas impressões ao chegar ao “Novo Mundo”. A narradora relata, também, o seu casamento com o fidalgo e colonizador Francisco de Albuquerque, menciona suas duas tentativas de fuga para regressar a Portugal, fala do seu caso amoroso com o mouro

Ximeno Dias, aborda o nascimento do filho “bastardo” e o abandono do marido, que regressa a Portugal com esse filho de sua esposa. Segundo o discurso romanesco, para Oribela, a inserção no “Novo Mundo” se deu contra sua vontade e de forma traumática, pois o romance evidencia que a personagem vivenciou situações que não esperava, como os castigos do marido Francisco e os maus tratos da sogra. Sua configuração narrativa se desvencilha do modelo feminino esperado no século XVI e se mostra como uma mulher insubordinada, ao tentar enfrentar a superioridade masculina, fugindo de casa e tendo um caso amoroso, o qual poderia custar sua vida.

Na literatura estadunidense temos a obra *To Have and to Hold* ([1900]2016), de Mary Johnston. Nela se aborda o tema da colonização de Jamestown, no século XVII, mais especificamente, a década de 20. A diegese se ancora no fato de o governo inglês ter enviado, na década de 20, do século XVII, noventa jovens para que elas casassem com os colonizadores e deles gerassem filhos, porque o país precisava ser povoado, conforme expõe Zug (2016). A presença dessas mulheres também propiciaria o não abandono da terra a ser desbravada. Quando elas desembarcavam, de acordo com as pesquisas realizadas por Zug (2016), tinham a opção de escolher o futuro esposo, que custeava o transporte do Reino Unido a Jamestown. Segundo as informações históricas dessa pesquisadora, em média, cada uma dessas noivas custava de 120 a 150 libras de tabaco, o que fez com que, às vezes, recebessem o nome de “*tobacco wives*”<sup>1</sup>, de acordo com os registros de Zug (2016).

No romance de Johnston temos a configuração da personagem Ralph Percy, retratado como um colonizador solitário que tomou a decisão de se casar. É por sua configuração que se estabelece a voz enunciativa do discurso. Entre suas ações, vemos que se encantou pela personagem Jocelyn Leigh, que também o aceitou como esposo. Essa figura feminina é configurada no romance como uma fugitiva da Inglaterra, pois não queria se casar com a

---

<sup>1</sup> Tradução nossa: Mulheres do tabaco.

personagem Lord Carnal, um nobre que fora escolhido para ela pelo rei. Na sequência das ações narradas, após algumas semanas do casamento das personagens Jocelyn e Ralph, aparece em Jamestown, procurando por sua noiva, o fidalgo Lord Carnal, pois havia escutado que sua prometida tinha embarcado, junto com as outras jovens, para o “Novo Mundo”. Após inúmeras batalhas entre as figuras masculinas do romance, Ralph e Lord Carnal, e a inserção de uma série de eventos ficcionais correlacionados com a releitura romanesca do grande ataque dos nativos Iroqueses sobre os colonizadores ingleses no ano de 1622 – que dizimou um terço da população inglesa – os protagonistas, Ralph e Jocelyn, conseguem viver em paz juntos no “Novo Mundo”, o atual território dos Estados Unidos da América. Tal obra evidencia a modalidade tradicional do gênero romance histórico na temática.

Na literatura canadense temos, dentro dessa temática, a obra *Bride of New France* (2011), de Suzanne Desrochers. A autora aborda o tema da inserção de mulheres brancas francesas na Nova França, o atual Canadá, no século XVII. Na história, essas jovens ficaram conhecidas como “*the King’s daughters*”<sup>2</sup>. Na narrativa ficcional, a personagem protagonista, a órfã Laure Beauséjour, é enviada ao território canadense como uma forma de castigo por ter fugido do orfanato onde residida e ter enviado uma carta ao rei, Luís XIV. Nessa carta, a personagem relata ao monarca a falta de comida existente no orfanato, a dificuldade em conseguir um marido com o avançar da idade e o desejo em ter seu próprio ateliê de costura, para poder ser, financeiramente, independente e não mais se constituir em uma despesa para o governo.

Conforme a diegese do romance, após uma viagem de quase dois meses, as personagens que representam as “filhas do Rei” desembarcam na terra a ser colonizada para se casarem com os pioneiros e ali criar uma família com muitos filhos, condição exigida pelo rei. Esse argumento ficcional revela o lado histórico do evento que diz respeito ao fato de que

---

<sup>2</sup> Tradução nossa: As filhas do Rei.

essa medida iria coibir os colonizadores de regressarem à terra natal, que permaneceriam no Canadá e assegurariam o território. Com a vantagem de poder escolher o marido, a protagonista, Laure, opta por se casar com a personagem Mathurin, configurado na obra como um colonizador, que aparenta ser um sujeito honesto. Na narrativa híbrida proposta por Desrochers vemos que, com o passar dos meses, a protagonista feminina percebe que seu esposo é um acomodado e preguiçoso, que não gosta de trabalhar e que a trai com as nativas da terra. Os relatos da personagem sobre os primeiros anos de casamento mostram uma vida de dificuldade, com fome e muito frio. Em muitos momentos da diegese o leitor se inteira de que a protagonista sobreviveu devido aos cuidados da personagem nativa Deskaheh, que deixava alimentos na porta de sua casa para que não morresse de desnutrição. Conforme relata o narrador, devido à ausência do marido, que supostamente deveria estar procurando por peles de animais nas florestas canadenses, a protagonista acaba tendo um relacionamento amoroso com a personagem Deskaheh. A sequência das ações narradas revela ao leitor que, dessa traição, nasceu uma menina chamada Luce e que a personagem Mathurin morre congelado num dos rios do Canadá quando estava a caminho de casa na tentativa de chegar a tempo para o nascimento da criança. O narrador expõe, também, que a personagem protagonista – agora sem marido e impossibilitada de criar a filha, uma vez que o governo francês não tinha despendido dinheiro com as jovens para gerar filhos “bastardos e impuros” – é condicionada a entregar a criança ao pai biológico e tentar recomeçar sua vida em busca de outro marido, um colonizador branco. Conforme a sequência das ações relatadas pelo narrador, ela passa a residir e trabalhar na pensão da personagem Madame Rouillard, a parteira de sua filha, até que se case novamente.

Por meio da temática da inserção de mulheres brancas europeias no “Novo Mundo” projetamos a análise de alguns pontos da narrativa híbrida canadense *Bride of New France* (2013). Nosso objetivo é colocar em destaque a visão periférica e ficcional da personagem

protagonista, Laure Beauséjour, sobre os primeiros anos da colonização da Nova França, o atual Canadá. A narrativa de Desrochers se fundamenta no projeto histórico de inserção das “filhas do Rei”, que participaram do processo imigratório, evidenciado nos estudos de Runyan (2010) e Zug (2016) e, também, no modelo de colonizador, figuras masculinas que, no romance, são representados como os maridos das personagens femininas dessas releituras da história pela ficção. Na análise que segue, buscamos elucidar, ainda, como se dá a confluência do discurso histórico com o ficcional, num modelo de romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007).

### ***BRIDE OF NEW FRANCE* – UM ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO.**

A narrativa canadense *Bride of New France* (2013)<sup>3</sup>, de Suzanne Desrochers, contém vinte e três capítulos e está dividida em quatro partes. A autora se vale da relação entre literatura e história para a composição de sua obra. Ela, inicialmente, retrata as realidades históricas e detalhes da vida cotidiana do século XVII da França e, em seguida, enfatiza o início da colonização no Canadá. A personagem protagonista do romance é Laure Beauséjour, e está configurada como a filha de um artista de rua e uma mãe que sobreviviam pelas vias públicas de Paris. Como revela o narrador, o rei desejava não ver mais mendigos pelas alamedas, por isso, todos aqueles que se encaixavam nessa categoria eram banidos do reino. Em uma das cenas descritas no início do romance, a menina é arrancada dos braços do pai, por arqueiros e, embora ele dissesse que não era mendigo, mas, sim, um artista, é zombado pelos homens do rei e a criança é levada, aos berros, para longe dos pais. Na sequência das ações, o narrador revela que, na manhã seguinte, a menina foi conduzida ao *Salpêtrière Hospital* – local que, segundo descreve o narrador, era dividido em inúmeras alas e que

---

<sup>3</sup> Para nossa análise, utilizamos a edição de 2013 do romance publicado em 2011.

abrigava o orfanato *Saint-Claire dormitory*, mas que, também, era um depósito de prostitutas, doentes mentais e mendigos – onde, segundo narra-se no romance –, a protagonista residiu até ser destinada ao Canadá.

Conforme Candido (2007, p. 55), “a personagem é um ser fictício” e a ficção pode mostrar uma existência que se constitui numa representação da vida, não na realidade factual. Logo, “a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial.” (CANDIDO, 2007, p. 55). Assim, “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem que é a concretização deste.” (CANDIDO, 2007, p. 55). No romance em estudo, os seres fictícios são, entre outros, as moças que deixaram seu país de origem, como as órfãs Laure e Madeleine, para estabelecer uma nova vida na colônia francesa, cujas configurações fazem um eco às “filhas do Rei”, pessoas fidedignas que, no passado, viveram, na realidade, a aventura relida pela ficção.

Sobre o período histórico francês no qual o programa “filhas do Rei” esteve em destaque – e que ancora a recriação ficcional de Desrochers –, Zug (2016), elucida o motivo pelo qual essas jovens foram arregimentadas para a colonização do “Novo Mundo”. Segundo a autora,

*Between 1663 and 1673, nearly eight hundred Frenchwomen immigrated to New France as brides for the male colonists. Known as the filles du roi, or “King’s daughters”, these women were recruited to help solve the colony’s population problem. The colony had spent years of hoping to increase immigration, but most French perceived Canada as remote and dangerous and had no interest in immigrating.*<sup>4</sup> (ZUG, 2016, p. 30).

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: Entre 1663 e 1673, aproximadamente oitocentas mulheres francesas imigraram para a Nova França como noivas para os colonizadores. Conhecidas como *filles du roi*, ou “filhas do Rei”, estas mulheres foram recrutadas para ajudar a resolver o problema de população na colônia. A colônia tinha passado anos tentando aumentar a imigração, mas a maioria dos franceses enxergava o Canadá como um lugar perigoso e remoto e não tinham interesse em imigrar.

Frente a tal situação de colonização, e à condição social de muitas órfãs na sociedade francesa da época, lugares como os orfanatos foram propícios para o recrutamento de moças. Na narrativa híbrida, *Bride of New France* (2013), a personagem Laure Beauséjour, de dezessete anos, representa uma dessas jovens históricas escolhidas para ajudar a resolver esse problema populacional. Os motivos do envio da personagem ao “Novo Mundo” se basearam, conforme explicita o narrador, na má atitude e péssimo comportamento dessa figura feminina ao se rebelar contra as normas estabelecidas na sociedade daquela época. De acordo com o discurso romanescos, como castigo, por ter escrito a carta ao rei, reclamando da impossibilidade de conseguir um marido, Jean Baptiste Colbert, a personagem responsável pelo programa de inserção e transporte das jovens para o Canadá, responde que não há mais necessidade para preocupação em arranjar um marido porque o programa tem sido um sucesso e eles irão enviar mais cem moças do orfanato do *Salpêtrière Hospital*.

No início da narrativa, uma das jovens representadas como “filha do Rei”, Mireille Langlois, foi escolhida para ser enviada ao Canadá. Essa personagem, que fazia laços e rendas com esmero, era introspectiva e, geralmente, era desprezada pelas outras internas. Ela, segundo relata o narrador, adoece e pressente que não haverá casamento em sua vida e, inclusive, delira imaginando que irá se afogar nas águas canadenses devido a sua imensidão. Posteriormente, essa figura feminina secundária, é levada ao *Hôtel-Dieu*, um hospital para que pudesse se recuperar, e cumprir sua viagem ao Canadá, casando-se com o colonizador representado como Frédéric, que comandava um exército de homens enviados para lutar contra os selvagens do Canadá.

Quando a protagonista do romance, Laure, foge do orfanato para procurar pela amiga Mireille, descobre, por meio de uma enfermeira, que ela falava o tempo todo sobre um barco e uma viagem. Em uma das cenas da diegese, ao saber do destino da jovem mulher, uma enfermeira responde de forma ácida: “‘Canada? Well, it’s just as well she died, then.’ The



*young nurse looks down at Mireille's body. 'Terrible. Just because we don't know what to do with them here doesn't mean they deserve to be sent over there to freeze in the forest.'"*<sup>5</sup> (DESROCHERS, 2013, p. 32). É por meio da configuração dessa enfermeira que a autora oferece à personagem Laure uma visão inferiorizada das órfãs e uma imagem deturpada do Canadá. A colônia promissora é desconstruída no discurso ficcional e o clima frio é apresentado, isto é, um local propício à morte, sem futuro algum. Logo no início do romance, o leitor compreende que a área em colonização oferece obstáculos, todavia a protagonista não consegue pensar dessa forma porque *"there are people who call Canada the New World and who have posed their greatest dreams in the direction of that place."*<sup>6</sup> (DESROCHERS, 2013, p. 72). Seus primeiros relatos mostram o Canadá como um país abastado e repleto de oportunidades para aqueles que desejam construir uma vida nova, como ela que pensava em ser uma costureira após o matrimônio.

O discurso romanescos revela que a personagem Mireille tinha medo de morrer afogada na travessia e que os selvagens comessem os corações dos humanos. Aterrorizada com a ideia de viver num local que ainda não era civilizado, conforme os costumes europeus, a jovem personagem entra em pânico e, num estado febril, morre.

A narrativa romanesca apresenta, assim, uma falha no processo idealizado de inserção da mulher branca no Canadá, pois a primeira delas não consegue sequer deixar o local de origem, o que nos leva a pensar que esse projeto, relido pelo ficção, tinha suas falhas. Além disso, o romance revela que o medo do que poderia ser encontrado no outro lado do oceano e a impossibilidade de regressar ao país de origem faz com que muitas delas nem sempre quisessem partir espontaneamente.

---

<sup>5</sup> Tradução nossa: "Canadá? Bem, que bom que ela tenha falecido então." A jovem enfermeira olha para o corpo de Mireille. "Terrível. Só porque não sabemos o que fazer com elas aqui não significa que elas merecem ser enviadas para lá para congelar na floresta.

<sup>6</sup> Tradução nossa: Há pessoas que chamam o Canadá de Novo Mundo e colocaram seus grandes sonhos na direção daquele país.

Madeleine é outra jovem configurada como “filha do Rei” e cujo destino é o Canadá. Ela é convencida por Laure a embarcar junto com a amiga para que o desterro não fosse tão solitário. Enquanto a personagem protagonista se mostra mais racional, desacreditando no discurso que a Igreja impõe de que elas são sortudas por estarem ali dentro do *Salpêtrière* e que o mundo fora daquelas paredes é bem pior, Madeleine é favor do discurso religioso e se sente exaltada por ter a chance de ser acolhida na instituição. O narrador do romance apresenta a configuração de Laure como de alguém que não enxerga diferença entre as órfãs e as prostitutas do La Force e do La Pitié, outras alas dentro do *Salpêtrière*, num discurso crítico. Dentro da ficção, todas são representadas como fardos sustentados pelo governo. Já a personagem Madeleine, nas palavras: “*We are fortunate, Laure, to be here in this dormitory. With working girls, learning skills.*”<sup>7</sup> (DESROCHERS, 2013, p. 47), profere um discurso apologetico à situação.

Em uma das cenas da narrativa romanesca, quando a órfã Madeleine diz à madre superiora que deseja se juntar ao exílio da amiga, Laure é vista como uma idiota por jogar sua vida fora, pois “*the purpose of their agreement with the King, after all, was to send the worst possible women from the hospital do Canada.*”<sup>8</sup> (DESROCHERS, 2013, p. 81). Tal discurso ficcional, revela que, embora a ideia do programa de inserção da figura feminina era nobre, uma das verdadeiras intenções da coroa era livrar-se das moças problemáticas. A decisão tomada pela madre, que tem o objetivo de ver as duas órfãs bem longe dali, faz com que elas sejam embarcadas no navio *Saint-Jean Baptiste*, no mês de maio de 1669, no porto de La Havre, cidade portuária. Assim, a personagem Madeleine, a jovem que era a mais bem vista de todas, com um futuro promissor, muito gentil e educada, que tencionava se juntar à Ordem das freiras Ursulinas, tem sua vida interrompida.

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: Nós somos sortudas, Laure, em estar aqui neste dormitório. Com moças que trabalham, adquirindo habilidades.

<sup>8</sup> Tradução nossa: O propósito do acordo com o Rei, afinal de contas, era enviar as piores mulheres do hospital ao Canadá.

É durante a cena da viagem que Madeleine conta sua história à protagonista do romance. Era filha de uma prostitua do porto que, certo dia, fora estuprada por Ti-Jean, um dos clientes da mãe, mas que essa impossibilitada de conviver com tal desgraça e sabendo da dificuldade que a menina teria em arranjar um marido porque já não era mais virgem – fato historicamente consagrado pela Igreja Católica para a mulher poder contrair núpcias (PERROT, 2012) –, abandona-a no orfanato, mentindo ao padre sobre suas qualidades de trabalho e letramento. Por meio das ações narradas, o leitor percebe que o medo de Madeleine reside no fato de ela não ser mais pura de corpo, o que faz com a mesma adoeça. Para os preceitos difundidos naquela época, a personagem sabe que é uma figura impura para a união matrimonial. Sua condição física vai-se deteriorando e, ao chegar em Québec, ela já está visivelmente fraca. Após alguns dias, ela falece. Dessa maneira, além da órfã retratada como Mireille, mais uma delas perde a vida. Como leitores, percebemos que a transição geográfica – de uma monarquia estruturada à colônia em desenvolvimento – de algumas das “filhas do Rei” representadas ficcionalmente, acarreta medo, seguido de morte, pois elas não sabem o que lhes aguarda. Assim, sentem-se aterrorizadas e consumidas pela preocupação.

Em *Ville- Marie*, uma colônia canadense onde algumas órfãs se hospedam, a protagonista aprende que as moças da região da Normandia terão maridos mais letrados e de cargos mais elevados, já as órfãs do *Salpêtrière* terão que se casar com os colonizadores mais humildes, que não sabem ler nem escrever e que realizam os trabalhos braçais na colônia.

Quando comparamos os perfis dos homens apresentados pela historiografia com os da narrativa, deparamo-nos com a realidade de que nem todos eram homens nobres. Runyan (2010), comenta que

*Indeed, a number of the men who emigrated from France were criminals sent to work as part of their punishment. The majority of the rest of the settlers were engagés forced to work for three years to repay the government for the cost of their transport to the colony. After three years were completed, many of the young men*

*chose to return to France rather than continue in Canada.*<sup>9</sup> (RUNYAN, 2010, p. 37).

Isso posto, depreendemos que os colonizadores provinham de vários locais e tinham profissões diferenciadas, mas que, no Canadá, todos trabalhavam para um propósito: assegurar a terra para a coroa francesa que tinha um objetivo político e financeiro. No romance, pode ver que, quando as figuras retratadas como colonizadores chegavam ao território, deixavam uma vida para trás para recomeçar com um novo propósito: serem homens edificadores de uma nova nação.

A personagem configurada como marido de Laure, por exemplo, é o colonizador analfabeto Mathurin. A obra fictícia descreve um local em que a presença masculina sobressai numericamente à feminina – fato também apresentado nos estudos de Runyan (2010) –: dez homens para uma mulher. Segundo o discurso histórico, nas colônias canadenses, as “filhas do Rei” tinham a chance de selecionar o seu esposo e isso era um fato que, na realidade, atraíam muitas das jovens francesas para a colônia, pois, enquanto que na Europa elas acatavam as ordens do orfanato ou das famílias que escolhiam seus maridos, nas cidades colonizadoras como Montreal e Québec poderiam eleger o homem que mais gostassem. Esse fato é apresentado no discurso romanesco e relido criticamente, pois as escolhas nem sempre acabavam sendo boas.

Runyan (2010) informa que as mulheres escolhidas tinham três tipos de origem: as do *Salpêtrière*, as de origem rural e as da nobreza. As moças do *Salpêtrière* foram “*a collection of the women meeting the needs of the King*”<sup>10</sup> (RUNYAN, 2010, p. 50). Das de origem rural, podemos dizer que uma pequena porcentagem deslocou-se ao Canadá porque “*most*

---

<sup>9</sup> Tradução nossa: Na verdade, um número de homens que emigraram da França eram criminosos enviados a trabalhar como parte de suas punições. A maioria dos outros colonizadores foram homens forçados a trabalhar por três anos para pagar ao governo pelo custo de seus transportes à colônia. Depois de três anos completos, muitos dos jovens rapazes escolhiam retornar à França ao invés de continuar no Canadá.

<sup>10</sup> Tradução nossa: Uma coleção de mulheres que veio ao encontro das necessidades do Rei.

*rural people during this time chose a potential spouse from their own parish.*”<sup>11</sup> (RUNYAN, 2010, p. 51). Inclusive, de acordo com os registros de Runyan (2010), era comum que os jovens das mesmas regiões cassassem entre si pela união de terras, isto é, embora escolher o marido fosse algo atrativo, muitas das jovens eram forçadas a casar com os pretendentes que as famílias selecionavam. Já as da nobreza que vinha à colônia, cujo número não passou de sessenta, conforme (RUNYAN, 2010), eram as de famílias grandes que não tinham tanto dinheiro para o dote. Aí conseguiam um bom casamento com algum nobre de cargo elevado no Canadá.

Acerca da procedência das mulheres destinadas aos colonizadores, Williams (1976), afirma que “*wives were subsequently supplied to them from North-western French villages, slums, and foundling asylums.*”<sup>12</sup> (WILLIAMS, 1976, p. 34). Por exemplo, as personagens femininas destacadas na narrativa — Mireille, Madeleine e Laure — são todas oriundas do *Salpêtrière Hospital*, uma espécie de casa de recolhimento para marginalizados, e foram destinadas, propositalmente, aos colonizadores de menor formação representados na narrativa.

Em relação ao destino matrimonial, a francesa Simone de Beauvoir (1990) explana que, para as mulheres durante muito tempo o casamento foi “o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficam solteiras, tornam-se totalmente resíduos.” (BEAUVOIR, 1990, p. 167). Essa ideologia provém já do século XVII, quando se considerava o casamento como essencial à mulher, bem como as tarefas domésticas desenvolvidas num ambiente recluso, longe da esfera pública e que as excluía do mundo dos negócios. Com a união a ser realizada, as órfãs do *Salpêtrière* deixavam de ser um fardo feminino dependente da coroa, cita Runyan (2010). No romance em estudo, esses mesmos fatos são apresentados na diegese,

---

<sup>11</sup> Tradução nossa: A maioria das pessoas rurais, durante essa época, escolhiam um potencial marido da sua própria comunidade.

<sup>12</sup> Tradução nossa: Mulheres eram enviadas aos colonizadores posteriormente do noroeste das vilas francesas, de bairros degradados e de orfanatos.

que evidencia as órfãs como mulheres cujo único destino e solução para suas vidas era o casamento.

Compreendemos que essas personagens, retratas como as “filhas do Rei”, apresentam-se como figuras femininas de traços variados. Mireille e Madeline, por exemplo, são adeptas do discurso imposto pela versão oficial – que difundia a subordinação da mulher ao clero ou ao marido no século XVII – e que é retratado pelo narrador na ficção canadense. Entretanto, a protagonista, Laure, faz questão de se mostrar uma mulher contrária a essa prática, questionando-se, o tempo todo, sobre suas condições de sobrevivência no orfanato e, também, durante o rigoroso inverno canadense onde ela quase morre de frio e desnutrição. Além do mais, o seu sonho de ser costureira acaba sendo excluído porque, num local onde se preza a sobrevivência, vestidos de festas são considerados inúteis. Outro aspecto relevante da narrativa é o fato de que essas jovens órfãs, que faziam bordados e rendas, não tinham instrução suficiente para sobreviver nas florestas geladas canadenses porque elas não foram preparadas para atividades domésticas. Assim, a autora apresenta ao leitor a conjuntura de que é a extrema necessidade de aprender a plantar e cozinhar que tornam as órfãs, representadas no romance, aptas à sua subsistência.

Quando o narrador heterodiegético de *Bride of New France* (2013) manifesta as falas dessas “filhas do Rei”, percebemos que essas personagens foram enganadas pelo governo. O romance denuncia que, embora fosse possibilitado o transporte para o Canadá, elas eram iludidas em relação às figuras que representavam seus maridos porque poucos eram grandes desbravadores, mas muitos eram colonos em extrema dificuldade, tentando sobreviver num local onde tudo precisava ser produzido, mas havia poucos meios para isso.

Além disso, segundo o discurso romanescos, houve também a questão financeira em relação ao dote. A personagem Mathurin, marido de Laure, acreditava cegamente na ajuda financeira ofertada pela figura do Rei Luís XIV. A protagonista da diegese, que enxerga a

colônia canadense como um “fim de mundo” – com florestas cheias de índios selvagens, com casas rústicas de madeira e com gretas que propiciam a entrada do frio e do gelo – desacredita na benevolência de seu “pai”. Ela sabe que *Ville-Marie*, o mais distante dos vilarejos representados na ficção, e o mais suscetível aos ataques dos Iroqueses, e sua população representa apenas mão-de-obra para um rei ambicioso. O dote, elemento fictício que promulgava a união das personagens masculinas e femininas, e tão esperado pela figura masculina, nunca chega às mãos do marido.

Na ficção, o perfil do marido da protagonista – que deveria ser um ávido colono e negociante de peles de animais, comprando e vendendo junto aos nativos Hurões – não é mais que um preguiçoso, que passa meses fora de casa, vivendo com os indígenas e traindo a esposa, constantemente, com as personagens que representam as nativas da terra. A protagonista também percebe que, enquanto as outras famílias crescem em número de filhos e em abundância financeira, ela e seu marido passam por inúmeras necessidades, o que faz com que não sejam bem vistos pela vizinhança do local onde moram.

Ao longo da narrativa, a personagem Mathurin culpa a esposa pelas dificuldades porque, se ela engravidasse, o rei despenderia uma enorme quantia monetária para as famílias que gerassem seis, oito, dez filhos ou mais. Esse fato é exemplificado pela pesquisadora Zug (2016, p. 43), que aponta ter havido um encorajamento familiar por parte da monarquia: “*Canadians with ten living children were entitled to a pension of three hundred livres annually, those with twelve living children four hundred.*”<sup>13</sup>. A figura masculina, mesmo sendo representada por um simples colono e comerciante e não um colonizador de poder, coloca-se como superior e tenta acusar a esposa da penúria em que vivem. Todavia, a protagonista, que se mostra uma mulher sem temor, rebate as injúrias do marido ao dizer que o governo espera

---

<sup>13</sup> Tradução nossa: Canadenses, com dez crianças vivas, tinha por direito uma pensão de trezentos *livres*, moeda financeira da época, e aquelas com doze crianças vivas recebiam quatrocentos.

“*legitimate children*”<sup>14</sup> (DESROCHERS, 2013, p. 224) e que “*she would probably be pregnant by now if he hadn’t gone off with the Algonquins [...]*”<sup>15</sup> (DESROCHERS, 2013, p.224). Por fim, sugere que ele “*gather up all the Savage children [he has] running wild through the forest [...]*”<sup>16</sup> (DESROCHERS, 2013, p. 225). Ao mesmo tempo em que ele quer se impor, ela não se sente inferiorizada ou com medo, e enfrenta o marido que lhe deu um *status* “melhor”, indo contra o modelo de esposa instituído daquela época, fato “possível” de existência no século XVII, apresentado pela ficção contemporânea.

Outro momento em que o narrador do discurso romanesco mostra Laure como uma figura sem receios é quando ela tem um caso amoroso com o nativo Deskaheh. Após meses do seu casamento, há uma feira em *Ville-Marie* onde as pessoas irão vender seus produtos e itens que não são mais úteis. A protagonista se desloca sozinha até esse ponto de vendas e reencontra Deskaheh, o nativo que lhe trouxe alimentos durante o inverno. A partir da ausência do seu marido Mathurin e das privações que lhe são impostas, Laure escolhe, deliberadamente, trair o esposo com o nativo, deixando a pensão onde se hospedou durante os dias da feira sem importar-se se era vista saindo de lá no período da noite e tornando-se uma mulher adúltera. No decorrer da narrativa, a própria dona da pensão lhe diz que, dentre os nativos, Deskaheh é um bom homem e que “*abortion is the only crime worse than adultery that a woman can commit in New France.*”<sup>17</sup> (DESROCHERS, 2013, p. 244).

É durante o período em que a personagem Laure trai o marido, que ela também denuncia o fato da igreja católica ocultar aquilo que lhe convinha quando necessário, como as tavernas que funcionavam durante a feira, servindo bebidas alcoólicas e os envolvimento das figuras representadas como colonizadores que se envolviam com nativas. Ela mesma reconhece seu marido, bebendo numa taverna, acompanhado de uma mulher indígena.

---

<sup>14</sup> Tradução nossa: Filhos legítimos.

<sup>15</sup> Tradução nossa: Ela provavelmente já estaria grávida se ele não tivesse saído com os índios algonquinos.

<sup>16</sup> Tradução nossa: Junte todas as crianças selvagens que ele tem correndo soltas pela floresta.

<sup>17</sup> Tradução nossa: Aborto é o único crime pior que o adultério que uma mulher pode cometer na Nova França.



Conseqüentemente, a protagonista engravida de Deskaheh e dá à luz uma menina chamada Luce, mas que como não é pura de sangue e o governo não tencionava gastar dinheiro com mulheres que gerassem filhos oriundos de cruzamentos raciais, Laure é forçada a abrir mão da criança e vendê-la ao pai, que entrega o bebê para uma mulher de sua tribo criar.

A obra *Bride of New France* (2013) é um exemplo de narrativa que vai de encontro ao que a história apresenta sobre o programa de inserção das “filhas do Rei” no Canadá, durante o século XVII. A personagem configurada como uma “filha do Rei”, Laure Beauséjour, conseguiu, pelo seu discurso e ações, evidenciar aquilo que os colonizadores não quiseram ou não puderam expor em seu tempo.

O historiador britânico Jim Sharpe (1992, p. 40) explica que “tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes.”. Entretanto, em sua visão, novos pontos de vista sobre o passado devem ser explorados para que outras perspectivas possam vir à tona e não apenas os relatos elaborados por aqueles detentores do poder da palavra, isto é, os homens com poder e legitimados para registrar pela escrita sua perspectiva. Assim, na nova história, os que foram excluídos e marginalizados, como as mulheres, os nativos e os escravos, passam a ter seus prismas apresentados e não mais representados. São os relatos dessas pessoas, antes consideradas inferiorizadas, que Sharpe (1992) denomina como vistos “de baixo”.

Esse mesmo autor informa que a importância da história “vista de baixo” estrutura novas conceituações sobre a temática da história, questiona documentos de outra forma e proporciona “também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história.” (SHARPE, 1992, p. 59).

Quando buscamos analisar, na ficção, a temática da inserção das “filhas do Rei”, averiguamos que o narrador dessa história expõe os relatos de uma personagem que era vista

de um ângulo inferior. É o relato da protagonista Laure Beauséjour que nos interessa, pois ela apresenta sua vida e das outras órfãs, tanto no *Salpêtrière* quanto no Canadá. O olhar de figuras subalternas coloca-nos a par daquilo que poderia ter acontecido, mas que não foi relatado pela historiografia devido ao fato de serem vozes minoritárias e excluídas da sociedade. Conforme menciona Sharpe (1992), esses sujeitos passaram a ter um lugar de destaque e a história vista de baixo, antes esquecida, torna-se foco de interesse. Como consequência desses novos estudos históricos, muitas imagens marginalizadas passaram a assumir papéis protagônicos nos romances históricos, especialmente no romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007).

Quando Desrochers conjuga história e ficção, para recontar e reviver o tema da vinda das “filhas do Rei” para o Canadá, ela opta por uma narrativa crítica de romance histórico. Acerca dessas modalidades, Fleck (2007) descreve que temos, na fase acrítica, dois modelos: o clássico scottiano e o tradicional, que dele deriva. No modelo do escocês Walter Scott, a questão histórica era apenas um pano de fundo e voltava-se para as ações das personagens ficcionais e suas aventuras. Já na modalidade tradicional, conforme explicita Fleck (2007), temos, geralmente, um relato ficcional que se alinha aos preceitos da história hegemônica para exaltar e glorificar aqueles considerados heróis do passado.

Na fase crítica do gênero, temos os novos romances históricos e as metaficções historiográficas: narrativas na qual se busca a distorção dos materiais históricos ao incorporá-los na narrativa ficcional pelo emprego de histórias alternativas. Há nelas o uso da autorreferencialidade, da paródia, da carnavalização, da intertextualidade, da ironia, dialogia, polifonia, e outros recursos que possibilitam novas perspectivas aos eventos do passado.

Na fase mais atual – a mediadora –, temos o romance histórico contemporâneo de mediação: uma conciliação entre as modalidades antecedentes. Nela não se renuncia os processos que constituem as características essenciais do novo romance histórico latino-

americano, como a paródia e toda a sinfonia bakhtiniana, mas o texto volta a ser mais linear, como nos modelos tradicionais, visto que o emprego das estratégias desconstrucionistas passa a ser mais moderado. É a modalidade mais recente e suas características podem ser encontradas nos textos “Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento” (FLECK, 2011, p. 81-95) e *Canudos: conflitos além da guerra - entre o multiperspectivismo* de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009, p. 51-56), publicada no ano de 2015.

*Bride of New France* (2013) carrega consigo as características da modalidade de romance histórico contemporâneo de mediação, apresentadas por Fleck (2007; 2011).

Em primeiro lugar, o romance histórico contemporâneo de mediação faz uma releitura crítica do passado e mantém a construção da verossimilhança. O narrador heterodiegético nos mostra, por meio das falas das personagens Laure, Mireille e Madeleine, outra versão da vinda das “filhas do Rei” para o Canadá. A título de exemplo, o frio e a falta de comida que Laure sofre no inverno, bem como as traições que o marido instituía sobre a esposa. Tais momentos são apresentados da seguinte forma: “*She has been hungry for weeks [...]*”<sup>18</sup> (DESROCEHRS, 2013, p. 208); e “*He’s no different from others. They prefer the filles sauvages over their own wives.*”<sup>19</sup> (DESROCHERS, 2013, p. 210). Desse modo, há uma revisitação ao passado por meio da crítica exemplificada na narrativa híbrida em estudo.

Em segundo lugar, de acordo com o pesquisador “a leitura ficcional busca seguir a linearidade cronológica dos eventos criados [e] a volta da linearidade está diretamente relacionada ao tipo de leitor menos experiente e menos especialista que tais obras buscam conquistar” (FLECK, 2011, p. 91). O romance em destaque exhibe os eventos ocorridos de forma linear: a saída do orfanato; a dura travessia de quase dois meses; a chegada; a morte de Madeleine, o casamento; o inverno canadense; as viagens do marido para supostamente

<sup>18</sup> Tradução nossa: Ela está faminta por semanas...

<sup>19</sup> Tradução nossa: Ele não é diferente dos outros. Eles preferem as filhas dos selvagens à suas próprias esposas.

buscar peles de animais; a gravidez da protagonista Laure como fruto de uma traição com o nativo Deskaheh; a morte do esposo; a entrega da criança à outra nativa e o recomeço da vida de Laure.

Em terceiro lugar, “o foco narrativo, compartilhando propósitos da nova história, privilegia visões periféricas em relação aos grandes eventos e personagens históricos, como o fazem muitos novos romances históricos e metaficções historiográficas” (FLECK, 2011, p. 92). Na obra em estudo, o narrador heterodiegético favorece o prisma de uma “órfã do Rei”, relegada ao desterro, com relação à colonização do Canadá. O discurso oficial que cimentava as tensões com um discurso distenso é colocado de lado e a visão feminina é colocada em destaque.

Em quarto lugar, Fleck (2011) destaca que, faz-se uso de uma linguagem amena e fluída. As frases são geralmente curtas, elaboradas, preferencialmente, em ordem direta e com um vocabulário mais comum do que o voltado para o público erudito. As obras também focalizam o processo narrativo e, em vários casos, modernizam a linguagem do tempo passado para aproximá-la daquela de seus leitores. Em *Bride of New France* (2013) encontramos frases curtas, uma linguagem de fácil compreensão e um léxico atualizado e não antigo do século XVII.

Em quinto lugar, Fleck (2011) menciona que recursos como a paródia e a intertextualidade se fazem presentes. No discurso romanescos em *Bride of New France* (2013), observamos que o narrador utiliza a paródia, uma forma cômica e debochada para mostrar a inversão de papéis, em inúmeros momentos da narrativa, como: “*How can we marry these women? They can hardly stand up. Look at them, not a single bosom or hip between all of them, and they’re expected to produce children. You haven’t brought us helpmates. You’ve*

*given us another burden.*”<sup>20</sup> (DESROCHERS, 2013, p. 149). De moças ativas, de “linhagem real”, sendo reduzidas a um fardo obrigatório. O encanto de usufruir da proteção do rei Luís XIV, sendo sua “filha”, é desfeito e a condição degradante das personagens vem à tona. Além disso, percebemos que a intertextualidade ocorre devido ao contexto histórico presente na narrativa híbrida. É a França colonizando outro território, o atual Canadá, e as “filhas do Rei” tornam-se personagens enviadas como noivas e futuras mães para os colonizadores brancos.

A sexta e última característica do romance histórico contemporâneo de mediação é a “utilização de recursos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra.” (Fleck, 2011, p. 93). Notamos que essa última característica não está amplamente presente na narrativa, contudo, todas as outras são bem visíveis.

Averiguamos que se trata de uma leitura muito mais crítica devido ao distanciamento temporal da obra, o que possibilita que o passado seja contado de forma mais plausível e não idealizado como era feito no início do período de colonização.

## CONCLUSÃO

Ao analisarmos, comparativamente, a versão histórica com a narrativa híbrida, deparamo-nos com uma inversão dos acontecimentos históricos e sua desestabilização. Embora a historiografia apresente um prisma enaltecido do processo de inserção da mulher branca no Canadá, a voz enunciativa da narrativa manifesta uma versão diferente dos fatos. A protagonista, Laure Beauséjour, relata as privações que muitas órfãs enfrentavam tanto no *Salpêtriére Hospital* como nas florestas geladas canadenses.

Em vias de contexto, Suzanne Desrochers (2013) propõe a desconstrução do passado colonial canadense com sua narrativa. Nesse processo de interpretar o passado no presente, percebemos que a vida no início do desenvolvimento da colônia era laboriosa e havia

---

<sup>20</sup> Tradução nossa: Como vamos casar com essas mulheres? Elas mal podem permanecer em pé. Olhe pra elas, nem um seio ou coxa entre todas elas, e elas terão que gerar filhos. Vocês não nos trouxeram ajudantes. Vocês nos trouxeram outro fardo.

demasiada escassez alimentar. Proteger-se do frio e suportar a presença perigosa dos nativos Iroqueses, estando suscetível aos seus ataques, era uma tarefa normal como qualquer outra.

A órfã protagonista, Laure, foi um exemplo de mulher que não deveria ser seguido na sociedade daquela época porque ela não soube aproveitar a chance que o governo lhe ofertava. Ao invés de se tornar uma “mãe fundadora”, termo empregado por Runyan (2010) em seus estudos, e gerar filhos de raça branca, ela traz ao mundo uma criança “bastarda” e abandona a filha. Entre tantos filhos legítimos que a historiografia diz terem nascido, a ficção nos apresenta aqueles oriundos de “cruzamento impuros”, gerados das relações entre brancos e nativos.

Concluimos que as histórias de Mireille, Madeleine e Laure, três “filhas do Rei” representadas na ficção, revivem o tema da inserção da mulher branca europeia no Canadá e evidenciam a presença daquelas que foram deixadas de lado, enfatizando a história “vista de baixo”. Com essa ampliação de momentos vivenciados pelas órfãs e dos acontecimentos da colônia canadense em desenvolvimento, temos a oportunidade de conhecer outra vertente para os episódios do passado proporcionados pelo discurso romanesco elucidado em *Bride of New France* (2013), um romance histórico contemporâneo de mediação.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. B.; FLECK, G. F. **Canudos**: conflitos além da guerra – entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009). Curitiba: CRV, 2015, 194 p.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 7.ed. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, 503 p.
- CANDIDO, A. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 51-80.
- DESROCHERS, S. **Bride of New France**. New York: Norton & Company, 2013, 294 p.
- FLECK, G. F. A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América. **Gragoatá**, v. 12, p. 149-167, 2007.
- FLECK, G. F. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPPUCI, C. A.; CARLOS, A. M. **Cultura e representação**: ensaios. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011, p. 81-95.

JOHNSTON, M. **To Have and to Hold**. La Vergne: Richard B. Foster, 2016, 407 p.

MIRANDA, A. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 213p.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. 2.ed. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2012, 190 p.

RUNYAN, A. K. **Daughters of the King and Founders of a Nation: les filles du roi** in New France. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes) - University of North Texas, Denton.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p. 39-62.

WILLIAMS, S. R. **Demeter's Daughters: the Women who Founded America: 1587-1787**. New York: Atheneum, 1976, 359 p.

ZUG, M. A. **Buying a Bride: an Engaging History of Mail-Order Matches**. New York: New York University Press, 2016, 305 p.

Recebido em: 15/05/2017  
Aceito em: 19/06/2017